A FERVER

JENNIFER
BLACKWOOD

Tradução de Sónia Faria

Porto Editora

Aos heróis que entram a correr em edifícios em chamas
quando todos os outros saem a correr

Capítulo 1

Era absolutamente de esperar que, quando em busca de produtos para incontinência no supermercado, Erin Jenkins escolhesse o carrinho mais barulhento na história da humanidade. Primeiro erro: pegar no carro deixado de lado como quem pega na fatia da vergonha. Mas, depois de percorrer 12 corredores a contar da entrada da loja, já tinha andado de mais. Pronto, tinha de reconhecer que havia nada mais do que pura preguiça entre ela e o regresso à entrada.

O auricular Bluetooth aninhado no seu ouvido tocou e ela clicou no botão "Atender".

– Como está a situação do contrabando?

Erin revirou os olhos quando ouviu a voz da irmã.

– Vim às compras, Andie. – Embora talvez fosse alvo de menos olhares se tivesse mesmo contrabando no carrinho, em vez de pomada para as hemorroidas. Afinal de contas, estava em Portland. – Precisas de alguma coisa? Ou só queres o relato em primeira mão da minha vinda ao supermercado?

– Preciso de me manter entretida enquanto faço chá para a mãe. Ela considerou medíocres as minhas competências para fazer chá. Acreditas nisso?

Erin olhou de lado para o auricular.

– Como é possível estragar um Lipton?

Pratos e talheres tilintavam nos seus ouvidos e ela conseguia imaginar Andie a fazer barulho na pequena cozinha, com os seus caracóis a cobrirem-lhe os ombros enquanto procurava mais produtos de chá nos armários de baixo.

– É para veres como sou talentosa.

– És um espetáculo.

Erin riu-se, mas depois concentrou-se novamente na tarefa que tinha em mãos. Com a mãe fora do ativo por causa da operação a uma hérnia, Erin ficou responsável por fazer as compras para a avó. E foi assim que foi parar ao corredor dos produtos para a incontinência, empurrando o seu carrinho ruidoso.

Missão: adquirir fraldas, almofadas para joanetes, medicação para hemorroidas e creme antienvelhecimento.

Vítimas: orgulho próprio.

Ela amava a sua família. Ao ponto de esboçar um sorriso cuidadosamente treinado para as fotos anuais com camisas de xadrez a combinar. Sim, eles eram *esse* tipo de família. O tipo que recriava fotos antigas de momentos embaraçosos que estariam melhor a ganhar pó no álbum. Mas era preciso traçar um limite em algum momento, e um carrinho cheio de produtos para incontinência num local conhecido estava muito perto desse limite.

– Há alguma hipótese de trazeres mais chá? – perguntou Andie.

– As hipóteses são tão boas quanto as de tu aprenderes a preparar uma boa chávena antes de eu voltar.

Deixaria as compras em casa da avó, esconder-se-ia em casa da mãe e rezaria para que as compras durassem até sair da cidade dentro de seis semanas.

– Pensava que era a tua irmã favorita.

– Tu és a minha única irmã – ripostou Erin.

Erin amarfanhou a lista de compras na mão e enfiou-a no compartimento lateral da bolsa. Creme para hemorroidas e antienvelhecimento: confere. Almofadas para joanetes: compradas. Tudo com a discrição e a precisão de um agente do FBI. Conseguiu pousar estrategicamente um cacho de bananas sobre os produtos, mas não tinha sido suficiente para tapar o enorme pacote de 120 fraldas para adulto que balançava no seu carrinho. Talvez devesse comprar toalhas de praia novas. Assim cobriria o pacote todo.

Virando para outro corredor, o carrinho decidiu reagir de novo, e as rodas gemeram de forma estridente. Um grupo de rapazes de vinte e poucos anos passou a correr por ela até à secção das cervejas,

ouvindo-a chiar e sorrindo divertidamente. Aquele dia já acabava, não?

Cric, cric, cric.

– Que raio de barulho é esse? – perguntou a irmã.

Do outro lado da linha, porcelanas finas tilintavam em uníssono, e Erin imaginava a irmã a manusear com dificuldade o serviço de chá da mãe.

– A morte lenta da minha estabilidade emocional.

Cravou os dedos no carrinho e respirou fundo para se acalmar.

– Pensei que a tivesses perdido há muitos anos.

Seis semanas. Seis semanas excruciantes e longas, e depois voltarás a São Francisco. Era o que ela tinha escrito na sua agenda do professor. E, por Deus, se estava lá, ia acontecer. Tinha escrito a tinta e contornado as palavras com adesivos em forma de estrela: *1 de agosto, preparar a minha sala de aula*. O pensamento positivo coloca os planos em movimento, certo?

No entanto, nenhuma quantidade de pensamento positivo reverteria o corte orçamental de um milhão de dólares para o fundo de educação da cidade, que tinha deixado seis professores, incluindo Erin, sem emprego naquele outono. Nenhuma quantidade de planos de decoração poderia salvar o seu antigo cargo. Mas tinha esperança de que uma das suas entrevistas pudesse dar certo, permitindo que regressasse ao seu antigo apartamento na cidade.

– Muito engraçado, espertinha – disse Erin. – Lembras-te porque é que me ligaste de novo?

– Alguém tem de ficar de olho em ti para ter a certeza de que não estás a fugir outra vez.

– Ah! Ah! – Embora essa fosse uma afirmação válida, porque Erin, na verdade, só queria fugir dali.

Pensamento positivo. Tinha ido a uma entrevista de emprego no dia anterior, quatro horas antes de voltar para casa. O seu lado otimista esperava que lhe oferecessem um emprego num local perto do seu apartamento em São Francisco. O seu lado realista dizia-lhe que tinha de haver telefonemas e referências verificadas antes que lhe pudessem oferecer qualquer coisa. Por isso, ali estava ela. De volta a Portland, a cidade a que não chamava lar há mais de uma década.

Contanto que a sua última entrevista de emprego desse certo, ela deveria ir a tempo de decorar a sua nova sala de aula no final do verão. Tinha sido muito bom quando ouvira o diretor dizer que gostava muito do plano de aula que Erin tinha partilhado durante a reunião.

Por pouco, Erin conseguiu não embater numa senhora de idade ao passar pela direita. A senhora atirou-lhe um olhar matador, como se dissesse: *Eu já percebi tudo, as tuas bananas estúpidas não escondem nada*. Ou talvez estivesse apenas a ficar paranoica. Por sorte, não encontrou ninguém que a reconhecesse. Tinha feito questão de ir ao supermercado na periferia da cidade só para não encontrar nenhum vizinho.

Cric. Cric. Cric.

Erin encolheu-se e murmurou alguns palavrões em voz baixa. A irmã continuava a falar sobre o chá, batendo mais portas de armários, ao mesmo tempo que o fazia.

Olhou de lado para a embalagem, identificando o logotipo das fraldas com o canto do olho, e colocou-o no carrinho mais depressa do que quando comprava o rímel preferido nuns saldos da Sephora. Mais uns suplementos de cálcio e teria os rapazes do comprimido azul todos à sua porta.

– Missão cumprida. E, com sorte, o cartel não me irá perseguir tão cedo – disse à irmã.

– É bom saber. O que significa que ainda tens tempo para trazer aquele chá… sabes, se queres ser uma boa irmã e assim.

Erin conseguiu atravessar os 14 corredores até à caixa sem esbarrar em ninguém que conhecesse. Hoje, a sorte devia estar do seu lado.

– Não vai acontecer. Lê as instruções na parte de trás da embalagem.

Ouviu outro bip no seu ouvido.

– Espera. Tenho outra chamada – disse, e atendeu.

Erin não se preocupara em ver quem era. O mais certo era que fosse a mãe. Provavelmente, a reclamar que Andie estava a demorar demasiado tempo com o chá. Ou para ter a certeza de que ela ainda não tinha fugido da cidade. Ambas opções viáveis.

– Estou?

– Senhora Jenkins?

Erin parou de descarregar os mantimentos de sua avó para o tapete rolante, ficando paralisada.

– Sim?

– Fala Linda Murphy, da Escola Básica Dennison.

Raios. Tão cedo? Ou tinham gostado muito dela ou era uma chamada de rejeição piedosa.

Os seus pulmões não conseguiam decidir se queriam sair do corpo a grande velocidade ou parar de funcionar. Tinha sido a quarta e última entrevista que tinha conseguido agarrar antes de voltar para casa. Os últimos três tinham telefonado para dizer que as vagas tinham sido preenchidas por outra pessoa. Esta era a sua última oportunidade. À quarta é de vez, certo?

– Hum, olá.

Encolheu-se assim que as palavras lhe saíram da boca. *Que fraco.* A sério, ela trabalhava com pessoas para ganhar a vida. No mínimo, poderia ter feito conversa.

O funcionário da caixa fez um gesto com a mão à frente de Erin.

– Desculpe, menina? Há uma promoção "leve dois, pague um" nas fraldas desta marca. Quer que peça a um colega que vá buscar outra embalagem?

– Desculpe, não percebi. O que disse? – perguntou Linda, na sua voz cristalina, no Bluetooth de Erin.

Não. Um potencial empregador não pode ter acabado de ouvir que ela estava a comprar fraldas para adultos.

Erin abanou a cabeça ao funcionário da caixa, rezando para que ele não dissesse mais nada sobre seus produtos e concentrou-se na chamada.

– Nada. Desculpe. Estava a dizer?…

O funcionário fulminou-a com o olhar, mas pegou na embalagem e passou-a pelo *scanner*, que emitiu um sonido revoltado, *bip, bip, bip*. Primeiro, o infernal carrinho de compras estridente; agora, a caixa mais barulhenta de sempre. A sério, o que se passava com ela e os sons daquele supermercado? O funcionário tentou novamente e repetiu o ruído. Depois, pegou no microfone e anunciou:

– Verificação do preço das fraldas para adulto.

Pelo amor da Santa!

Erin sentiu-se transpirar na parte inferior das costas. Cravou os dedos dos pés nas sandálias e fez um esforço terrível para não mirrar e morrer de vergonha. Com o olhar firme no crachá do funcionário – Clint –, lutou com todas as forças para pensar num lugar calmo e feliz. Uma caixa de lápis número dois recém-afiados. Etiquetas para apontamentos. Um quadro branco imaculado.

– Tem a certeza de que o momento é oportuno, menina Jenkins?

– Sim, sim. É perfeito. – Melhor dizendo, a altura perfeita para bater com a cabeça até perder os sentidos e esquecer que aquilo estava acontecer. Engoliu em seco.

O funcionário pegou no telefone que tocava e, de seguida, disse:

– Ah! Eu sabia que havia uma promoção. De certeza que não quer que lhe tragam uma embalagem extra?

– Não – rosnou ela. Lançou-lhe um olhar que prometia punhais de morte mental a voar na sua direção, se ele perguntasse de novo. Se conseguia assustar uma turma de miúdos de 13 anos de maneira a não incendiarem o laboratório de ciências com bicos de Bunsen, então, conseguia assustar praticamente qualquer pessoa.

O funcionário Clint, com a sua crista, não estava a perceber a mensagem.

– Quero dizer, se fosse eu e tivesse um problema de vazamento, gostaria de estar prevenido. Digo eu.

Ela silenciou o auricular Bluetooth.

– O que é isto? Um *stand* de carros usados? O que é que eu te fiz de mal? – Suspirou e contou até cinco mentalmente. Olhou para Clint e para a sua crista ridícula e decidiu ceder. – Tudo bem. Dê-me a embalagem extra.

– Uiii. Estava apenas a tentar ajudá-la, senhora. – Encolheu os ombros, pegou no telefone e disse: – Traz a embalagem de fraldas à caixa, Larry. – Desligou e um baque alto reverberou no sistema de alto-falantes.

Erin encolheu-se e voltou a atenção para a conversa, reativando o som.

– Peço imensa desculpa. O que estava a dizer? Alguém à minha frente está com problemas com a caixa registadora.

Hum, sim. Ninguém com dois dedos de testa acreditaria naquele monte de tretas.

– A direção da Escola Secundária de Stephens elogiou-a muito quando pedimos referências suas. Sabemos que seria uma aquisição fantástica para qualquer escola… – E parou.

Erin engoliu com dificuldade o nó que subitamente se adensara na sua garganta. Vinha aí um *mas*. O iminente *mas* era tão óbvio como o seu carrinho cheio de produtos para a incontinência a chiar pelo supermercado. Não. *Não*. Ela precisava daquele emprego. Ensinar era tudo o que sabia fazer e, se não conseguisse um lugar até ao final do verão, onde estaria? Desempregada? A viver com a mãe? Estremeceu.

Linda suspirou.

– Mas precisámos de contratar alguém que já trabalhava connosco. Tenho muita pena, menina Jenkins.

– Eu entendo.

E entendia, mas isso não aliviava as picadas nos seus olhos.

– Desejo-lhe muita sorte na sua procura de emprego.

Erin engoliu o nó na garganta e conseguiu emitir um agradecimento antes de voltar a falar com a sua irmã, que continuava em linha.

– Andie?

– Já não era sem tempo. Estou tão aborrecida que quase comecei a lavar a louça.

A piada fez surgir um sorriso nos lábios trémulos de Erin.

– Vou passar pela padaria Barry: comer para esquecer! Chego a casa mais tarde.

Desligou o Bluetooth e levou as compras para o carro. Seis semanas podiam parecer uma eternidade naquele momento, mas não era tempo suficiente para encontrar um emprego para o próximo ano letivo.